



VOGAIS MÉDIAS ANTERIORES EM PORTUGUÊS ARCAICO: DISTINÇÃO DE GRAU DE ABERTURA*
(FRONT MEDIUM VOWELS IN MEDIEVAL PORTUGUESE: DISTINCTION OF LEVEL OF OPENING)

Patricia Mara Franco GRANUCCI (PG - UNESP - Araraquara)

ABSTRACT: *This paper intends to establish distinctions concerning medium vowels aperture rate (high or low) in Medieval Portuguese, from Feature Geometry Theory point of view.*

KEYWORDS: *Rhyme; Feature Geometry; Medieval Portuguese; Medieval Galician-Portuguese "Cantigas".*

0. Introdução

O presente estudo pretende descrever as distinções de abertura relativas às vogais médias anteriores do Português Arcaico (de agora em diante, PA), em posição tônica, a partir do modelo de fonologia de *Geometria de Traços*, através da análise das rimas das cantigas de amigo do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (CBN). Para isso, inicialmente, será feito um levantamento e mapeamento dos casos de rimas grafadas em -ER presentes no CBN. Em seguida, os dados serão interpretados através do modelo de *Geometria de Traços*.

1. Distinção de altura: enfoque na análise da vogal média anterior

O estudo de textos poéticos (principalmente se estes forem metrificados) tem mostrado que a consideração da rima é um contexto privilegiado para o levantamento de pistas a respeito das vogais no PA¹. Portanto, levou-se em consideração apenas o último

*O presente artigo integra os trabalhos do Projeto "Fonologia do Português Arcaico", da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, coordenado pela Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari – financiado pela Fapesp (processo no. 1997/12447-5). A autora desse artigo é bolsista da Fapesp (nível mestrado, processo no. 99/02155-2).

¹ Em abono desse raciocínio, Maia (1986: 305) afirma que "para esclarecer dúvidas concretas, os textos poéticos da época (...) pelo fato de aparecerem em rimas, nos oferecem informações bastantes seguras sobre certos aspectos da pronúncia desse período".



acento de cada verso, pelo motivo de este ser sempre o mais forte e por ser por meio da tônica que a análise dos traços distintivos vocálicos se faz com maior segurança.²

Dentre os textos poéticos remanescentes, optou-se pelas cantigas de amigo, devido ao seu caráter mais popular e menos formal – fato que as aproxima ainda mais da língua falada naquela época. Tais cantigas, presentes no CBN e que perfazem um total de 503 poemas, serviram de *corpus* para a seleção dos pares de vogais médias anteriores rimantes em posição tônica que serão analisados.

Do levantamento dos pares ou grupos das vogais médias anteriores que rimam entre si, notou-se que, da mesma forma que no português atual, há dois tipos de vogal média anterior (alta e baixa) em PA, ou seja, ao grafema arcaico *E* correspondem dois fonemas /e/ e /E/.

Essa constatação teve como causa a possibilidade de dividir as palavras grafadas em –ER em dois grupos, que não rimam entre si; o confronto dos dados de cada grupo (apresentados abaixo) revelou a possibilidade de pronúncias diferentes.

Grupo A: palavras possivelmente pronunciadas em /e/:

| | | | |
|---------------------|---------------|----------------|----------------------|
| dizer/trager/querer | auer/fazer | moirer/parecer | dizer/uiuer |
| ueer/praxer | uyuer/veer | creer/gradecer | moirer/parecer/dizer |
| saber/dizer | dizer/entæder | prazer/poder | enΣandecer/fazer |
| prazer/trager | prazer/fazer | ueer/dizer | guarecer/f (fazer) |
| θrer (querer)/fazer | seer/morrer | perder/querer | dizer/creer |
| morrer/fazer | auer/moirer | viuer/querer | fazer/creer/dizer |

Grupo B: palavras possivelmente pronunciadas em /E/:

| | | | |
|---------------------|----------------------|--------------------|-------------------------|
| ueer/molher | θr/disΣ (disser) | θr (quer)/oer | molher/quiΣ (quiser) |
| molher/θr (quer) | fezer/θΣ (quiser) | meΣter/θΣ (quiser) | quer/quiΣer |
| mester/prouguer | diss (disser)/molher | der/quiΣ (quiser) | |
| ueher/quiΣ (quiser) | molher/souber | meΣter/Σouber | |

Através da observação da lista das rimas possíveis com palavras grafadas em ER e da possibilidade de dividir tais palavras em dois grupos, levantou-se a hipótese de que provavelmente as palavras do primeiro grupo são pronunciadas diferentemente das do segundo grupo. Esta suposição teve como causa o fato de que nenhuma palavra do primeiro grupo aparece rimando com palavras do segundo grupo, e vice-versa. Segundo hipótese fundamentada na pronúncia atual dessas palavras, o *e* do primeiro grupo seria

² Segundo Câmara (1992:40): “Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama “acento”, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las.”



pronunciado, já naquela época, como [e] e o do segundo grupo, como [E]³. Em concordância com o que foi dito acima, Silva Neto (1970:412) declara:

“As rimas respeitavam escrupulosamente o timbre das vogais: os infinitivos em –er; por exemplo, nunca rimam com o futuro do subjuntivo dos verbos de conjugação especial (quise7r, pude7r, soube7r, prougue77r, etc) nem com molhe7r, meste7r, que7r”.⁴

A análise da vogal média anterior, quanto à rima, permitiu-nos concluir que, no PA, a vogal grafada como *E* pode variar quanto à pronúncia, na posição tônica, – temos um grafema (*E*) que representa dois fonemas: /e/ e /E/.

2. De distinção de duração a distinção de altura

Além dos fatos apresentados anteriormente em que a rima se mostra um contexto privilegiado para o conhecimento da possível pronúncia da língua da época medieval, há que se considerar também a correspondência histórica - que se revela, por meio de novos dados e informações, necessárias e imprescindíveis na interpretação de textos referentes a um período pretérito da língua.

Assim, em relação ao vocalismo do galego-português, temos que, com a perda das oposições de quantidade (característica do sistema de vogais do latim clássico), as vogais deixaram de se diferenciar pela duração e começaram a se distinguir pelo timbre (abertas e fechadas), formando assim o sistema de vogais do latim imperial que, segundo Teyssier (1987: 09) correspondia já ao “*sistema de vogais orais em galego-português medieval*”.

Referindo-se mais concretamente aos grupos de palavras rimantes encontrados em posição tônica (ou seja, à vogal média anterior), eles englobam um período bastante amplo (conhecido por trovadoresco), compreendido entre fins do século XII até meados do século XIV. Esse fato torna o estudo das línguas escritas dessa época ainda mais delicado e problemático, pois surgem freqüentemente variações na grafia em função das transformações que se operam no sistema fonológico da língua – provocando alterações na língua falada que não se refletem no seu sistema gráfico.

A respeito do estudo das vogais médias anteriores (em posição tônica), a análise, em questão, revela, à maneira de Maia (1986), que as palavras que têm em latim clássico *e* (- /e7/ /E/, conforme o IPA) no latim imperial ou galego-português, na sílaba

³ Em defesa da consideração da pronúncia atual das palavras em estudos fonéticos de textos antigos, Maia (1986:304) declara: “Para interpretar correctamente os textos antigos no que se refere às relações entre grafemas e fonemas, pode constituir, em muitos casos, uma grande ajuda o conhecimento do estado fonológico moderno”.

⁴ À representação fonética: /e7/ - adotada por Silva Neto - corresponde o símbolo do IPA: /E/ - referente à vogal média anterior de timbre aberto.



tônica apresenta o grafema *e*, realizado como /E/: quer (< *quaere(re)*), mulher (< *mulie(re)*), quiser (< *quaere(re)*), souber (< *sape(re)*).

Dos casos registrados com grafema *e* na sílaba tônica, resultantes do *e#*, *i* (latim clássico) – em latim imperial *e8*, corresponde o fonema /e8/ (/e/, conforme o IPA). Alguns exemplos: seer (< *sede←re*), veer (< *vide←re*), saber (< *sape#re* < *sape(re)*), dizer (< *dice#re* < *dice(re)*), auer (< *habe←re*).

A respeito da diferença de timbre, Mattos e Silva (1996:52) declara que o mais difícil, nesses casos, é determinar o momento em que se dá a metafonía que muda o timbre das vogais médias (anteriores) de fechado para aberto e vice-versa, já que na grafia tais vogais não se distinguem. A essa variação, mas em relação à documentação que analisa, Maia (1986:510), em conformidade com a autora acima citada, acrescenta que “*as formas com ou sem metafonía deviam corresponder a diferentes níveis sociolingüísticos*”.

Pode-se, então, concluir, sobre o sistema de vogais médias anteriores em posição acentuada, que, regra geral, há uma correspondência sistemática em relação ao étimo latino, mas que, em determinado momento da história da língua portuguesa, há uma quebra de regularidade, criando “exceções” difíceis de serem comprovadas, especialmente quando a mudança não se reflete na grafia.

3. Interpretação lingüística através do modelo de Geometria de Traços

Na análise dos dados desenvolvida a seguir, adota-se a perspectiva teórica do modelo de *Geometria de Traços* (GT), conforme proposta de Clements & Hume (1995).

A Fonologia de GT é um modelo de fonologia Auto-segmental, ou seja, faz parte de um modelo em que todos os *traços* (propriedades distintivas) têm uma segmentação própria.⁵ Além dos traços, organizados hierarquicamente, essa estrutura passou a ter *nós* estruturais intermediários, formando os planos (ou “tiers”-fileiras). As propriedades distintivas (traços) passaram a ser o final da linha hierárquica e os *nós*, a representar grupos de traços. Este modelo apresenta algumas restrições ou princípios específicos como, por exemplo, o PCO - Princípio do Contorno Obrigatório -, que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano, e a CCL -, Condição de Não Cruzamento de Linha - que proíbe que se faça uma linha de associação cruzar outra dentro de um mesmo plano.⁶ O modelo de GT apresenta uma organização que pode ser vista como uma representação em forma de árvore.

A respeito do que foi visto anteriormente, sabe-se que no PA a vogal média anterior (em posição tônica) realiza-se em dois fonemas /e/ e /E/, representados somente

⁵ Conforme Cagliari (1998:94): “Esta abordagem difere basicamente da forma como os traços eram tratados, ou seja, formando matrizes, cujo resultado era apenas um feixe de elementos ajuntados aleatoriamente”.

⁶ Segundo Cagliari (1998:21): “Tanto o PCO quanto a CCL agem freqüentemente como controladores da abrangência da aplicação de certas regras, evitando resultados mal-formados”.



por um grafema <e> - comportamento semelhante ao sistema vocálico (posição acentuada) do português atual - cf. Câmara (1992:41).

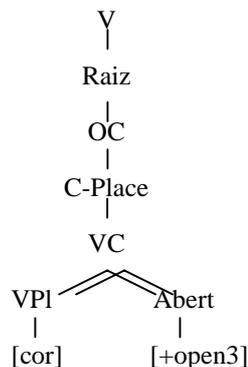
A par da semelhança entre a vogal média anterior nos dois momentos do português (arcaico e atual), a vogal, em questão, do PA, pode ser classificada, conforme propõe o modelo de GT, de acordo com um nó de Abertura e outro de Lugar.

Com relação à distinção de altura (posição acentuada), observa-se que a vogal *e* apresenta o traço [+open3] e a vogal *E* - o traço [+open2]. Essa sub-especificação dos traços tem por justificativa a aplicação da regra de redundância que determina quais traços são estritamente necessários para definir os elementos fonológicos que se quer especificar.

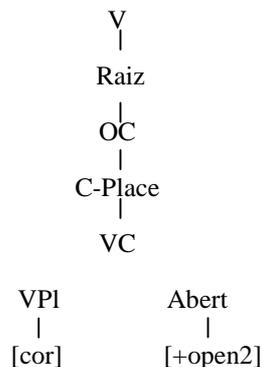
Quanto à distinção da vogal média anterior, a GT explica-a por meio da presença ou não de valor positivo para o traço [open2], isto é, quando esta vogal apresenta valor negativo para tal traço, é reconhecida como fechada (/e/) e, quando apresenta valor positivo, como aberta (/E/). Vale notar que todas as vogais médias apresentam valor positivo para o traço [open3]; no entanto, de acordo com sua sub-especificação, a altura dessas vogais (média-alta vs. média-baixa) é determinada somente pelo traço [open2].

A diferença de altura da vogal média (alta e baixa) é constatada no PA, pois dentre as palavras selecionadas, todas grafadas com o símbolo *e*, foram encontradas duas possibilidades de pronúncia: /E/, /e/. Assim, a análise que se faz em relação as vogal média do português atual, na GT, aplica-se diretamente ao estudo da respectiva arcaica, já que são muitas as evidências que atestam a semelhança entre esta vogal no PA e no português atual. Portanto, em termos de configuração auto-segmental, a vogal média anterior do PA apresenta-se da seguinte maneira:

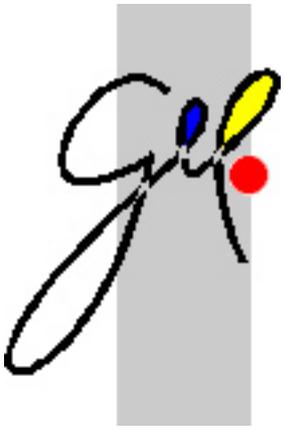
Vogal /e/



Vogal /E/



Para as representações arbóreas citadas acima, os nós R, OC, CPI, VC, VPI, Abert representam, respectivamente, “Raiz”, “Cavidade Oral”, “Lugar da Consoante”, “Vocálico”, “Lugar da Vogal”, “Abertura: [+open1]; [+open2]; [+open3]” e, a propriedade [cor] representa o traço “coronal”.



Enfim, a par do que foi visto anteriormente, em termos de contraste, nota-se que, de modo geral, a distinção da vogal se deve à conexão ou corte de determinados traços ao nó de abertura. A presença ou não desse traço de abertura está ligada ao estudo do acento das palavras, uma vez que qualquer mudança ocorrida na regra de localização⁷ deste, acarreta modificações na qualidade das vogais médias.

RESUMO: *O presente trabalho pretende estabelecer diferenças relativas ao grau de abertura da vogal média anterior (posição acentuada) em Português Arcaico, a partir do modelo de Geometria de Traços.*

PALAVRAS-CHAVE: *Rima, Geometria de Traços, Português Arcaico, Cantigas Medievais Galego-Portuguesas.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CAGLIARI, Luiz Carlos (1998) *Fonologia do Português – Análise pela Geometria de Traços*. Campinas, SP: ed. do Autor, 2^a ed. revista.
- CLEMENTS, George N. & Elisabeth HUME (1995) *The internal organization of speech sounds*. IN: GOLDSMITH, J.A. (org.) *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell. 245-306.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português*. Fundação Calouste Gulbenkian – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Gráfica de Coimbra.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis (1999) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial. UNESP; SP: Cultura Acadêmica Editora.
- MATTOS E SILVA, Rosa (1996) *O Português Arcaico: Fonologia*. 3^a ed. SP: Contexto.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. (1992) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: ed. Vozes, 21^a edição.
- SILVA NETO, S. da (1970) *História da Língua Portuguesa*. 2^a ed. RJ: Livros de Portugal.
- TEYSSIER, Paul (1987) *História da Língua Portuguesa*. 3^a ed. Portuguesa. Lisboa: Sá da Costa.

⁷ Para um estudo da regra de atribuição do acento em PA, veja Massini-Cagliari (1999).